

duzir a dose de exposição do paciente. No que se refere à proteção radiológica em radiologia pediátrica, os autores ressaltam a importância do uso de protetores de gônadas e de vestimentas de proteção individual pelos pacientes e acompanhantes e apresentam sugestões simples para imobilização das crianças. Destacam que as técnicas de imobilização eliminam os artefatos gerados pela movimentação do pequeno paciente, contribuindo, conseqüentemente para a melhoria da qualidade da imagem radiológica e para a redução da necessidade de repetição dos exames.

Nos capítulos seguintes, são descritos os exames de radiologia geral mais freqüentemente realizados nos serviços de radiodiagnóstico e alguns exames de fluoroscopia (exames contrastados). De forma bastante didática, relacionam-se, para cada exame, as indicações clínicas, os critérios de qualidade da imagem, as técnicas radiográficas, os mecanismos de proteção radiológica e o preparo dos pacientes. São apresentados exemplos de imagens radiográficas dentro dos padrões de qualidade propostos.

Ao fim de cada capítulo, existe uma tabela com os parâmetros técnicos sugeridos para cinco diferentes faixas etárias, a dose de exposição, o produto dose-área e a dose efetiva de radiação. Em relação a essas tabelas, podemos dizer que, em nossa experiência com o uso desse manual, mesmo existindo diferença de tamanho e peso entre pacientes ingleses e brasileiros de uma mesma faixa etária, houve pouca variabilidade entre os padrões técnicos propostos e os utilizados em nosso serviço.

Fotografias de boa qualidade exemplificam, no final do livro, as técnicas de imobilização propostas e os acessórios que podem ser utilizados para este fim, muitos dos quais são de fácil confecção e podem ser desenvolvidos em qualquer unidade de radiodiagnóstico.

Trata-se de um material de extrema importância por duas principais razões. Primeiramente porque no Brasil, mesmo nos grandes centros, poucas são as instituições que têm radiologistas exclusivamente pediátricos ou radiologistas gerais com alguma formação em radiologia pediátrica, sendo conhecedores, portanto, das particularidades deste grupo de pacientes. Em segundo lugar porque não existe, até o momento, nenhum manual semelhante a esse na literatura médica brasileira.

A exposição aos raios-X diagnósticos tem sido considerada uma questão de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde³ e pelo governo dos Estados Unidos⁴. No Brasil esta questão deve ser considerada da mesma forma, devendo-se adotar medidas que possibilitem uma redução na dose de exposição da população aos raios-X médicos, sobretudo nos pacientes pediátricos. As crianças são mais sensíveis aos efeitos da radiação ionizante, têm maior expectativa de vida e mais chances de serem expostas a esse tipo de radiação, que tem caráter cumulativo e pode levar à indução de danos genéticos e câncer, principalmente leucemia^{4,5}.

A divulgação desse manual entre médicos radiologistas gerais e pediátricos, médicos residentes em radiologia e técnicos em radiologia, com certeza, poderá contribuir para a melhoria da qualidade dos exames radiológicos infantis e, principalmente, para uma menor exposição da população infantil à radiação ionizante.

Parabenizamos a equipe responsável pela tradução do manual por sua iniciativa e esperamos que este seja

amplamente difundido e empregado em todos os serviços de radiologia do Brasil.

Márcia Cristina Bastos Boëchat
Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
boechatm@iff.fiocruz.br

1. European Community Commission. European guidelines on quality criteria for diagnostic radiographic images in paediatrics. http://www.c-radiography.net/regsetc/European_guide_children_extract.pdf (acessado em 09/Jan/2007).
2. Cook JV, Pettett A, Shah K, Pablot S, Kyriou J, Fitzgerald M. Guidelines on best practice in the X-ray imaging of children. Hershham: Ian Allen Printing; 1998.
3. United Nations Scientific Committee on the Effects of Atomic Radiation. Sources effects and risks of ionizing radiation. UNSCEAR 2000 report, v. II. http://www.unscear.org/unscear/en/publications/2000_1.html (acessado em 09/Jan/2007).
4. National Cancer Institute. Radiation risks and pediatric computed tomography (CT): a guide for health care providers. <http://www.cancer.gov/cancertopics/causes/radiation-risks-pediatric-CT2002> (acessado em 09/Jan/2007).
5. Pettersson HBL, Falth-Magnusson K, Persliden J, Scott M. Radiation risk and cost-benefit analysis of a paediatric radiology procedure: results from a national study. *Br J Radiol* 2005; 78:34-8.

HUMANIZAÇÃO DOS CUIDADOS EM SAÚDE: CONCEITOS, DILEMAS E PRÁTICAS. Deslandes SF, organizadora. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 416 pp.

ISBN: 85-7541-079-2

Sob o título *Humanização dos Cuidados em Saúde: Conceitos, Dilemas e Práticas*, essa obra dá seguimento à coleção editada pela Editora Fiocruz sobre a saúde da mulher e da criança, dentro de uma visão crítica e reflexiva, com ênfase na humanização da assistência.

Organizado pela socióloga Suely Ferreira Deslandes, o livro possui conteúdo de excelente natureza, sobretudo porque, nele, os autores se apresentam como investigadores e profissionais de saúde dotados de forte sentido existencial e humano, ao mesmo tempo. Demonstra a preocupação com a humanização da assistência e a sensibilização da equipe e das instituições de saúde que assistem a mulher e a criança, tendo como alvo do cuidado a família e a saúde dos trabalhadores da saúde, que, como cuidadores, também demandam atenção.

Refletir sobre os conceitos, dilemas e condutas que embasam o cuidado humanizado à tríade mulher-criança-família, enfocando o discurso e a prática efetiva, fomentada pela Política Nacional de Humanização (Humaniza/SUS), leva-nos a considerar a necessidade de cada vez mais aprofundar a discussão acerca da saúde dentro de uma visão holística e humanística, visto que o respeito à individualidade das pessoas, da escuta atenta, da valorização das crenças e da comunicação, da presença genuína, são ingredientes básicos da humanização.

O corpo do texto é composto de três partes e 16 capítulos, precedidos por uma apresentação crítica e re-

flexiva de Deslandes acerca dos conteúdos de cada capítulo. O prefácio de Maria Cecília Minayo, que retoma a questão *Humanismo e a Humanização*, faz-nos refletir sobre o eixo central da obra: “*Seria possível humanizar as técnicas? Convencer a todos no sentido da intersubjetividade das relações?*”. Conforme Minayo, os autores acreditam nessa possibilidade. Eu me incluo nessa crença, sobretudo quando a prefaciadora refere que “*a humanização necessita de uma proposta de sensibilização das pessoas*”. Diante disso, minha imaginação alça vôos e trago à memória o pensamento de Silva ¹ quando afirma: porque o homem sempre sonhou e sonha, hoje é capaz de atravessar os mares, os ares, as doenças, as perdas. E porque sonham, os autores nos brindam com seus textos. A primeira parte, *Humanização dos Cuidados – Explorando Conceitos e Conexões Disciplinares*, é composta por oito capítulos. No capítulo 1, *Humanização: Revisitando o Conceito a partir das Contribuições da Sociologia Médica*, Suely Deslandes reporta-se a alguns dos mais importantes marcos da humanização, à luz da sociologia médica na década de 70 nos Estados Unidos, como base para a construção teórica do conceito da humanização no âmbito na saúde. De forma sutil, a autora aguça o debate e nos leva a determinadas reflexões, tais como: “*em que consiste humanizar o cuidado de saúde? o que seria desumanizá-lo?*”

O capítulo 2, *Cuidado e Humanização das Práticas de Saúde*, é assinado por José Ricardo Ayres, que se debruça sobre o conceito de Cuidado, enfocando algumas proposições teórico-práticas relevantes que desafiam o ideal da humanização. Ainda com base nas diversas correntes filosóficas, Ayres apresenta sua concepção de humanização como “*um compromisso das tecnociências da saúde*” e enfatiza: a “*humanização passa pela radicalidade democrática do bem comum*”. Corroboro a opinião do autor, sobretudo por entender que o cuidado está presente no cotidiano do ser humano e faz parte da sua essência, pois todos necessitarmos ser cuidados. Nesse contexto, razão tem Collière ², que se refere ao cuidado como “*uma responsabilidade social*”, que não se limita a uma ação de reparação dos sintomas, porquanto engloba um universo de ações.

No capítulo 3, *Relação Médico-paciente e Humanização dos Cuidados em Saúde: Limites, Possibilidades, Falácias*, Andrea Caprara & Anamélia Lins e Silva Franco discutem com maestria a necessidade da comunicação mais efetiva na relação médico-paciente para uma assistência de qualidade no âmbito da saúde. Com aporte de vasto referencial teórico, trazem à luz os conceitos de “relação”. O texto é enriquecido pelos depoimentos de profissionais de saúde da Bahia e do Ceará. Ao final, as autoras tecem considerações acerca da necessidade da incorporação das humanidades na formação médica para uma nova compreensão do ser que demanda cuidado e que deve ser considerado na sua realidade pessoal, social e individual como um ser único. O ser humano é visto a partir da sua individualidade, mas necessariamente relacionado com outros seres humanos, no tempo e no espaço ³.

O capítulo 4, *Humanização e Qualidade do Processo de Trabalho em Saúde*, de autoria de Francisco Antonio de Castro Lacaz & Leny Sato, tem como foco de discussão as propostas de humanização para os trabalhadores de saúde. Discorrem de forma crítico-reflexiva sobre a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), advogando a importância do trabalhador como agente ativo

e participativo sobre o seu próprio trabalho, condição para a saúde profissional e qualidade do cuidado prestado à clientela.

No capítulo 5, Maria Cenzini Nogueira Martins relata detalhadamente experiências vivenciadas com profissionais de saúde ao longo de quatro anos nas *Oficinas de Humanização: Fundamentação Teórica e Descrição de uma Experiência com um Grupo de Profissionais de Saúde*. De certo modo, o rico conteúdo desse capítulo corrobora o anterior, pois denota a preocupação com o sofrimento e o desgaste físico e mental do trabalhador. As oficinas de humanização, mediante utilização de técnicas, dinâmicas de grupo e do teatro pedagógico, são, na verdade, estratégias que podem contribuir para a saúde do trabalhador.

No capítulo 6, *Redes Sociais de Suporte e Humanização dos Cuidados em Saúde*, Maria Cristina de Araújo Braga disserta sobre o conceito de redes de suporte social como forma de apoio e suporte para seus membros no enfrentamento de problemas de saúde tanto do cotidiano, quanto emergenciais, no seio familiar ou não. Exemplos podem ser citados, como o dos pais de crianças internadas em uma unidade pediátrica ou neonatal, ao se confortarem e apoiarem mutuamente. A autora conclui referindo que “*as redes nem sempre estão à mostra em função de sua informalidade e plasticidade*”, mas, se consideradas pelas instituições de saúde, contribuem para a humanização da assistência conforme preconizada.

Humanização do Encontro com o Usuário no Contexto da Atenção Básica é o título do capítulo 7, assinado por Leny Alves Bonfim, que reflete criticamente sobre como se dá o encontro do usuário com o profissional de saúde na esfera da atenção básica de saúde. Este constitui um tema desafiador, com ênfase no encontro. São apresentados dois eixos de discussão: o primeiro aborda as tecnologias leves, o acolhimento, o vínculo e a autonomia. O segundo guarda relação com primeiro e diz respeito às necessidades dos usuários e às dificuldades inerentes a essa categoria.

No capítulo 8, o último da primeira parte, Elizabeth Artmann & Francisco Javier Rivera discorrem sobre *Humanização do Atendimento em Saúde e Gestão Comunicativa*, analisando e discutindo algumas bases epistemológicas da política da humanização preconizada pelo Ministério da Saúde. Reportam-se aos desafios para uma atenção humanizada, articulando tecnologia e comunicação, para estabelecer vínculos intersubjetivos entre usuários e profissionais de saúde. Apresentam propostas no âmbito da gestão que venham a contribuir na humanização dos serviços de saúde.

A segunda parte, *Humanização nos Cuidados de Saúde da Criança*, composta por quatro capítulos, abre o debate com vistas a contribuir para um despertar para o cuidado humanizado à criança hospitalizada, desde a mais tenra idade, com enfoque na família.

Com o título *A Criança, sua Família e o Hospital: Pensando Processos de Humanização*, o capítulo 9 é assinado por Denise Streit Morsch & Priscila Menezes Aragão, que, em virtude da larga experiência em UTI neonatal e pediátrica, revelam o cotidiano de ambientes de alta tecnologia em estreito contato com profissionais de equipe multiprofissional, os pequenos pacientes e seus familiares. Com propriedade, abordam as rotinas hospitalares, quase sempre rígidas, e a expectativa dos familiares. Aprofundam a questão da humanização do cuidado envolvendo a família no intuito

de apoiá-la, para vivenciar mais tranqüilamente as patologias agudas, sobretudo as doenças crônicas. A meu ver, a preocupação das autoras com a temática deve-se ao seu olhar ante a díade mãe-filho que no silêncio clama por uma atitude amorosa e compreensiva por parte dos profissionais de saúde, em especial, do pequeno ser recém-nascido que carece ser recepcionado em seu novo mundo pelo encontro traduzido por meio do olhar, do toque carinhoso e de palavras amorosas ⁴.

No capítulo 10, *Os Desafios da Humanização em uma UTI Neonatal Cirúrgica*, Maria de Fátima Junqueira, Denyse Lamego, Denise Streit Morsch & Suely Deslandes trabalham a questão da humanização do cuidado ao neonato no âmbito de uma UTI-Neonatal Cirúrgica, enfocando a relação dos profissionais da equipe de saúde com os neonatos e familiares. O enfoque se dá com base em estudo teórico-prático, com abordagem qualitativa, cujo fio condutor foi o conceito de cuidado integral articulado ao de humanização.

O lúdico como estratégia de cuidado humanizado à criança hospitalizada é tema do capítulo 11, *O Brincar no Processo de Humanização da Produção de Cuidados Pediátricos*, assinado por Rosa Maria de Araújo Mitre. Para a autora, “o brincar no hospital deve se fazer presente tanto nas atividades da criança quanto nas intervenções dos profissionais de saúde”. O estar com a criança hospitalizada propiciando um espaço de livre expressão por meio do lúdico pode ser entendido como um dos componentes no processo de humanização. Mitre salienta a necessidade de as instituições de saúde articularem discurso e prática do lúdico como recurso para a humanização do cuidado.

O capítulo 12, de Suely Deslandes & Ana Cristina Wanderley da Paixão, *Humanização da Assistência às Vítimas de Abuso Sexual Infantil: Retomando o Debate da Relação Médico-paciente*, reporta-se à violência contra crianças e adolescentes, que, segundo a OMS, é um problema social e de saúde pública. As autoras relatam a importância da relação médico-cliente no cuidado a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e enfatizam que o projeto comunicacional entre cuidador e paciente vai ao encontro da proposta de humanização.

A terceira e última parte do livro, *Humanização nos Cuidados de Saúde da Mulher*, é composta por um conjunto de textos que levam a uma reflexão sobre a humanização da assistência à saúde da mulher. O capítulo 13, de Regina Helena S. Barbosa, *Humanização da Assistência à Saúde das Mulheres: Uma Abordagem Crítica de Gênero*, aprofunda a discussão acerca do tema da humanização da saúde da mulher, norteadas pelo princípio da integralidade, e apresenta as contradições entre o que é proposto e o efetivamente possível de ser implementado, especialmente na saúde reprodutiva de mulheres portadoras do HIV.

No capítulo 14, *Humanização da Assistência ao Parto no Serviço Público: Reflexão sobre Desafios Profissionais nos Caminhos de sua Implementação*, Marcos Augusto Dias & Suely Deslandes detêm-se criticamente sobre os desafios para a atenção humanizada ao parto e nascimento nas instituições de saúde, em relação aos aspectos estruturais, políticos, capacitação de recursos humanos, variáveis sociais e culturais das mulheres e famílias assistidas.

O capítulo 15, *Assistência à Mulher em Abortamento: A Necessária Revisão de Práticas de Má Conduta, Preconceito e Abuso*, de Leila Adesse, aguça o debate sobre a necessidade de revisão de procedimentos e atenção

humanizada às mulheres em situação de abortamento que sofrem a violência institucional.

O último texto da coletânea, capítulo 16, de Sandra Filgueiras, *Eu Não Sou o HIV que Eu Tenho: Humanização, Acolhimento e Escuta no Atendimento a Mulheres que Vivem com AIDS*, evidencia as reflexões sobre o significado de ser mulher vivendo com AIDS, com base no depoimento de uma mulher sobre o atendimento no SUS e a vivência dessa experiência. A autora enfatiza a importância do acolhimento dessa clientela e aponta para a necessidade da “parceria profissional-usuário pensando estratégias para lidar com o sofrimento e buscar a saúde”.

Pela notoriedade dos autores e o nível do conteúdo, recomendo a leitura desse livro a tantos quantos estejam envolvidos com a sensibilização para a humanização dos cuidados em saúde, com ênfase na criança e mulher. Incluem-se aqui também a família, os profissionais de saúde e estudantes dessa área, entre outros, pois, como propõe a obra, a humanização deve ser praticada nos serviços de saúde, com os profissionais e usuários, de forma dialógica, em busca da construção de novos caminhos capazes de propiciar um novo paradigma de gestão da saúde pública para todos. Portanto, esta é uma referência obrigatória para os estudiosos da área da saúde.

Antonia do Carmo Soares Campos
Centro de Ciências da Saúde, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Brasil.
toniacampos@unifor.br

1. Silva MJP. O amor é o caminho: maneiras de cuidar. São Paulo: Gente; 2000.
2. Collière MFC. Promover a vida. Lisboa: Lidel Edições Técnicas/Sindicato dos Enfermeiros Portugueses; 1999.
3. Paterson JG, Zderad LT. Humanistic nursing. New York: National League for Nursing; 1988.
4. Maldonado MT. Como cuidar de bebês e crianças pequenas. 3ª Ed. São Paulo: Saraiva; 1996.

TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS: UMA ANÁLISE DOS INDÍGENAS COM BASE NOS RESULTADOS DA AMOSTRA DOS CENSOS DEMOGRÁFICOS 1991 E 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2005.

ISBN: 85-24038-39-X

Las investigaciones sobre la demografía de los pueblos indígenas en Brasil han tenido una expansión sustancial en los últimos años ¹. La publicación *Tendências Demográficas: Uma Análise dos Indígenas com Base nos Resultados da Amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000*, organizada por la Diretoria de Pesquisas del IBGE y un gran equipo que incluyó antropólogos, demógrafos, epidemiólogos y sociólogos, forma parte de esa tendencia ahondando en bases de datos fundamentales de dos censos nacionales. Se resalta que la categoría “indígena” fue incluida en el censo brasileño solamente en 1991, y captada por autodeclaración.

Los autores exponen resultados y tendencias en cuanto a distribución espacial, composición etaria, nupcialidad, fecundidad, mortalidad infantil, migración, educación, familias y domicilios, con elementos potencialmente relevantes para la formulación, segui-